

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2022.Vol8.N65.pp23-51>



Júlio César Rigoni Filho
Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: julinhorigoni@icloud.com

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Resumo

O presente texto objetiva expor a história do consumo de drogas por mulheres a partir de imagens de campanhas de prevenção às drogas e de campanhas de consumo às drogas, a partir das ruínas, dos vestígios, deixados pela história. Discute-se, à luz da estética e da política, as contradições inertes ao sistema capitalista em veicular imagens de mulheres como argumento para a venda de bebidas alcoólicas ao passo que mobiliza rejeição, culpa e condenação moral contra mulheres usuárias de drogas em mensagens de prevenção. Para tanto, o referencial teórico-metodológico contempla autores como Benjamin (1983), Didi-Huberman (1999, 2015a, 2015b, 2020), Rancière (1988, 2009, 2013, 2021) e Quintana (2020, 2021, 2022), com isso, uma montagem entre alguns anúncios é formalizada no decorrer do artigo. Além disso, abordam-se por meio de Wottrich (2019) algumas perspectivas críticas ao processo publicitário e a emergência de práticas de contestação dos anúncios. Portanto, as imagens são analisadas enquanto cenas de um regime de visibilidade e invisibilidade do corpo feminino.

Palavras-chave: Campanhas de prevenção às drogas. Corpo feminino. Estética e política. História das drogas. Imagens dialéticas.

Between pleasure and suffering: images of the female body in drug prevention campaigns

Abstract

The present text aims to expose the consumption of drugs by women from images of drug prevention campaigns and drug consumption campaigns. It is understood that they are samples, vestiges and ruins throughout history. It is discussed, in the face of aesthetics and politics, the contradictions to the capitalism, because the images of women are applied as an argument for the sale of drugs, while women users are stigmatized in antidrug messages. To this end, the theoretical-methodological framework includes Benjamin (1983), Didi-Huberman (1999, 2015a, 2015b, 2020), Rancière (1988, 2009, 2013, 2021) and Quintana (2020, 2021, 2022). Therefore, a montage between some advertisements is formalized throughout the article. In addition, Wottrich (2019) discusses some critical perspectives on the advertising process and the emergence of contestation practices for ads. In this way, the images are scenes of a regime of visibility and invisibility of the female body.

Keywords: Aesthetics and politics. Dialectical images. Drug history. Drug prevention campaigns. Feminine Body.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

1. Contextualização da pesquisa e abordagens iniciais

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que visa identificar os sentidos do corpo feminino nas campanhas de prevenção às drogas, pelos seus modos de enunciação, pois eles configuram a visibilidade e a invisibilidade das usuárias de drogas. A hipótese da pesquisa consiste na relevância da análise enunciativa dessas campanhas para reconhecê-las como cenas, nas quais se afirmam consensualidades de uma lógica imunitária de triagem dos sujeitos e se indaga se há, e por que, experimentos dissensuais nos anúncios.

Refletir sobre uma história das drogas a partir de uma perspectiva de gênero envolve localizar a visibilidade midiática das mulheres que consomem drogas ou sofrem com as consequências sociais e individuais relacionadas ao tráfico e consumo de substâncias. Mas, de forma paralela à difusão de imagens sobre os danos ligados ao uso de drogas, as práticas publicitárias voltam-se para a promoção de bebidas alcoólicas, medicamentos e tabaco, de forma explícita ou implícita. Portanto, a intencionalidade argumentativa deste texto consiste em expor o dano iminente às figurações do corpo da mulher na midiaticização das drogas frente às contradições vigentes no capitalismo: de um lado anúncios de prevenção e do outro anúncios de estímulo ao consumo de drogas.

Para isso, tensionam-se as considerações sobre o campo publicitário e, em seguida, a partir da estética, investiga-se a história das drogas sob o ponto de vista das mulheres. Parte do referencial teórico e empírico repousa em análises sobre a literatura e a memória de mulheres usuárias de drogas, a partir do século XIX.

Do ponto de vista do vínculo entre estética e política, as discussões de Didi-Huberman (2010, 2020) e Rancière (2012, 2021a, 2021b) serão fundamentais para a análise da dimensão sensível dos discursos e das interações comunicativas como esteio teórico para refletir sobre o caráter dialético das imagens, alternado entre presença e distanciamento, consensos e dissensos, nas formas de

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

constituir a cena publicitária. Ao emprestar as ideias de Rancière (2013), Laura Quintana (2020, 2021) questiona os limites da visibilidade e da invisibilidade, bem como suas construções de significado. A autora reflete sobre como a imagem é capaz de romper com os dispositivos consensuais e formar distintas emoções, percepções e afetos. Na lógica rancieriana, o consenso é o fato que se impõem sobre a percepção e que engessam o sujeito em locais específicos. Já o dissenso consiste na alteração das rotas que orientam os sujeitos, ou, na invenção de maneiras, descrições e olhares.

2. Apontamentos teóricos sobre campanhas publicitárias de prevenção às drogas

Inicialmente, teoriza-se sobre as campanhas de prevenção às drogas como fruto de estratégias de comunicação em saúde, bem como as principais características e alegorias utilizadas na criação de tais materiais. Em seguida, parte-se para uma reflexão teórica do processo de criação publicitária e suas implicações nas construções de mensagens de prevenção.

No que se refere à divulgação de informações de saúde, Moura (2008) identifica duas estratégias antagônicas, uma voltada a informações após o dano à saúde, e outra voltada à prevenção e participação, como forma de atuação anterior ao dano à saúde. Um desses métodos, segundo a autora, “exclui a perspectiva do cidadão com direitos e deveres em relação a sua saúde e à saúde de outros atores sociais com os quais ele convive direta ou indiretamente” (MOURA, 2008, p.123).

As estruturas argumentativas de amedrontamento e repressão que compõem as mensagens são para Andrews, Leeuwen e Baaren (2016) uma das principais técnicas empregadas por anúncios relacionados ao consumo de narcóticos. Demonstrando os riscos psicológicos e físicos causados pelos entorpecentes, a partir de uma linguagem forte e comparações entre as vítimas da campanha

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

e o público do anúncio. Mas, esse apelo pode ativar reações de fuga ou paralisia, fazendo com que as pessoas evitem o anúncio.

Entretanto, desde a década de 1980, pesquisadores como Flay e Sobel (1983) apontam que as abordagens moralistas, primeiras formas de educação sobre narcóticos, não são eficazes, tal como a simples proibição do uso bem como a aplicação de estratégias persuasivas de amedrontamento. Em seguida, acreditou-se que as mensagens apropriadas deveriam abordar propriedades físicas e consequências das substâncias psicoativas na saúde a longo prazo. Contudo, de acordo com os autores, essa estratégia também não possui eficácia comprovada.

As campanhas de prevenção destoam dos padrões típicos da publicidade por coibir o consumo. Entretanto, para Wottrich (2019) o campo publicitário direciona-se entre posturas dicotômicas ou paradoxais de acordo com os seus próprios interesses em cada situação. Trad (2004), ao desenvolver estudos exploratórios com publicitários, revela que o processo de planejamento e execução das campanhas de prevenção é falho. Isso, devido a inexistência de acompanhamento do desenvolvimento da campanha e dos resultados por parte dos clientes, sendo considerada também uma forma de ‘alívio de consciência’ para gestores e governantes. O autor afirma que o orçamento limitado das campanhas de prevenção e a baixa participação dos clientes no processo de avaliação resulta em possibilidades criativas para a projeção profissional dos publicitários, como inscrições em premiações. E, conseqüentemente, a eficácia da construção das campanhas não é considerada.

Para Wottrich (2019) o contexto publicitário assemelha-se a um campo regido por regras, princípios e hierarquias. Nesse campo uma série de tensionamentos são acionados pelos públicos a partir das mensagens elaboradas pelos publicitários.

Entende-se que o anúncio publicitário emprega elementos, alegorias e narrativas consolidadas culturalmente como forma de facilitar a assimilação dos sujeitos. Entretanto, essa postura reducionista

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

do público a um mero agente passivo do processo comunicacional é criticada por Wottrich (2019). Para a autora, as práticas de contestação da publicidade por seus públicos emergem quando a sociedade deseja diversidade nas representações publicitárias. Todavia, quando encurralado, o campo publicitário, representado por agências de comunicação, veículos de mídia e anunciantes:

Declara-se inapto à indução de quaisquer hábitos para além da recepção do próprio anúncio. Mas, seguindo essa lógica, se a publicidade não possui alcance para além dos anúncios que veicula, então o campo não seria capaz de ter sucesso em sua intenção persuasiva na promoção de marcas, produtos e serviços junto aos públicos de interesse (WOTTRICH, 2019, p.148 - 149).

A partir de Wottrich (2019) pode-se afirmar que a publicidade de prevenção às drogas torna-se um mecanismo de manutenção da ordem social. A lógica pedagógica das campanhas de prevenção, que insere o indivíduo em um desaprendizado do uso de determinadas substâncias, como o álcool e o tabaco, ao expor suas consequências, alia-se ao cuidado de si.

A governamentalidade para Foucault (2010) pode ser resumida em conduzir condutas. O Estado orienta as práticas consideradas corretas sem necessariamente empregar imposições, como as manifestações cotidianas de poder que envolvem a família, a escola e o trabalho, por exemplo. O cuidado de si mesmo é um aspecto consciente, no qual a interferência do poder sobre o corpo não ocorre. Mas os cuidados são requisitos para a existência do sujeito, pois à medida em que o poder provoca-o, o indivíduo é conduzido para a construção de sua subjetividade. Nesse sentido, a vigilância deve estar inclusive sobre o próprio pensamento.

Fitzgerald (2010) constata que as fotografias de usuários de drogas são constituídas por rostos sofredores e impotentes. Não é típico dessas representações um rosto comum, vivo, apenas aparências monstruosas e doentias. No Brasil, em relação aos argumentos pontuados pelos anúncios

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

de prevenção e de acordo com sua estrutura criativa, Trad (2004) afirma que não são apresentadas informações a respeito dos efeitos fisiológicos, predominando imagens isoladas ou conjuntas do dependente químico como alguém enfermo, perdedor ou delinquente.

Com isso, passa-se a explorar a história das mulheres em anúncios de prevenção e de consumo, mas, de que modo articular as questões entre imagem, história e política? Sobre esses embates, localiza-se um caminho metodológico.

3. História, imagem e montagens: em busca de um percurso metodológico

Benjamin (1983) mostra-se crítico às interpretações do materialismo histórico enquanto método capaz de perceber a história como uma espécie de maquinário, na qual o socialismo é conduzido automaticamente. Nesse sentido, as “forças produtivas, o progresso econômico e as ‘leis da história’ levam necessariamente a crise final do capitalismo e a vitória do proletariado - versão comunista - ou as reformas que transformarão gradualmente a sociedade - versão social democrata” (LOWV, 2005, p.41).

A partir da interpretação das teses sobre a história de Benjamin (1983) é possível aventar que deve-se lutar contra a visão hegemônica da história, versão que está ligada aos fatos concebidos do ponto de vista dos opressores, ao passo que as classes dominantes precisam ser vencidas. Como ressalta Lowv (2005), No caso de Benjamin (1983) as classes dominantes representam a ascensão do fascismo e do nazismo na década de 1940.

É válido considerar que Benjamin (1983) e Horkheimer (1937) confidenciaram em cartas suas posturas incômodas sobre o caráter idealista de uma noção histórica tida como inacabada.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Horkheimer escreveu em 16 de março de 1937: “a injustiça do passado está consumada e acabada. Assassinos foram realmente assassinados... Se levarmos a sério o não fechamento da história, teremos de acreditar no juízo final” (HORKHEIMER, 1937; citado por LOWV, 2005, p.50).

Todavia, distanciando-se das concepções clássicas do marxismo, Benjamin (1983) defende que a redenção das atuais gerações está em dar ênfase para as reivindicações passadas, reconhecendo as vítimas históricas, logo, mostrando-se consciente sobre a importância do passado.

As constelações, ou montagens, em Benjamin (1983) são centrais na teoria de Quintana, principalmente pela possibilidade de articular distintos elementos em prol de uma leitura da conflitualidade que rege os fenômenos. De tal forma, busca-se produzir “uma interpretação que não tente reduzir a complexidade, mas mostrá-la, expô-la, desdobrá-la” (DIDI-HUBERMAN, 2009, p.417).

Já Rancière (2021) oferece um método próprio para observar e identificar os deslocamentos que rompem com dada ordem social: o método da cena, enquanto uma pequena máquina epistemológica.

A cena pode ser descrita como uma rede, composta em um processo de montagem e desestabilização de ordens, repleta de níveis de sentido, ao redor de dada singularidade. Por isso, para Rancière (2021) um método da cena consiste em uma escapatória aos padrões de explicação das Ciências Sociais baseados nas relações entre causas e efeitos. Para o filósofo, ao colocar os fenômenos sob essa investigação consiste em seu desaparecimento.

A singularidade na filosofia de Rancière (2021) consiste na ocorrência de uso dos corpos em prol de determinada resistência, logo, localizar uma singularidade é identificar uma situação de desequilíbrio. A cena consiste em uma descrição da experiência material e simbólica de algo. Por isso, ela é uma ruptura com as tradicionais explicações, visando um aprofundamento. O autor conceitua

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

a cena como uma espécie de máquina na qual pode-se observar singularidades diferentes para alterar as disposições e topografias das percepções, pensamentos e possibilidades. Observar uma cena é direcionar-se para os escapes que decorrem das cadeias de causas e efeitos. Assim, a maneira como essa fratura é construída, seu espaço, suas singularidades são relevantes para a análise.

Neste ponto fortalece-se a discussão sobre o interesse por imagens que são capazes de romper com as práticas consensuais, nas quais e pelas quais o corpo insiste em afirmar-se apesar de tudo. Inclusive sobre a importância de compreender os desvios e as maneiras como eles alteram a paisagem existencial. Ainda, as formas e materialidades desses desvios, como a produção de imagens, incidindo sobre a permanência, a sobrevivência delas, a forma como emergem apesar de tudo, como aponta Didi-Huberman (2020).

Como consequência olhar de cima, de maneira superior para as imagens consiste em uma tomada de posição por parte de quem observa, principalmente em uma lógica de poder e distanciamento. Assim, é preciso debruçar-se sobre as imagens. O gesto de debruçar-se é repleto de humildade em abandonar a zona de conforto e os padrões comuns de observação, em uma leitura dialética. Permite contemplar o objeto olhado, “para saber melhor, se lembrar melhor, se endolorer melhor” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.19).

Isso envolve a imagem dialética enquanto dupla distância dos sentidos, os sensoriais e os semióticos, em uma complexa relação que não é simples sensorialidade ou simples memorização. Para o autor é essa relação entre obscuridades que deve ser entendida como aura. A imagem dialética pode ser entendida como crítica à medida em que constitui uma imagem em crise, que critica as maneiras como são observadas e entendidas, instigando os sujeitos a constituir uma escrita para essa observação, ao invés de uma mera transcrição. Portanto, na estrutura de tais imagens posicionam-se formas em formação, deformações e transformações.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

A imagem condensa a memória involuntária das sociedades, desagregando-se em outras imagens e não em histórias. Como considera Didi-Huberman (2015), a imagem é maliciosa ao tornar algo visível ao mesmo tempo que o desagrega e torna-o disperso. A montagem move-se a partir dos vários ritmos que compõem cada objeto ao longo de sua história, tornando-se visível pelo inconsciente. É o passado que vem ao encontro do historiador, por isso ele deve saber que as discontinuidades e anacronismos temporais fazem parte da busca pelo saber. O inconsciente do tempo ‘caminha pelos rastros’. Como rastros entendem-se os materiais, vestígios, restos e contrapontos.

Tais procedimentos serão demonstrados a seguir, com a reunião de algumas campanhas publicitárias de prevenção e de consumo de drogas para elucidar os aspectos históricos e sociais envolvidos na relação entre mulheres e drogas.

4. Imagens do corpo feminino na história das drogas

O mito da criação, a partir do simbolismo relacionado ao fruto da árvore do conhecimento que emerge no Jardim do Éden, é repleto de construções punitivas ligadas à busca pelo hedonismo. Palmer e Horowitz (2000) lembram que Eva, ao ser tentada pela serpente a comer da fruta proibida pela divindade suprema, a maçã, resulta em interpretações sobre o papel da mulher na construção dos pecados, pois não só escolheu o que desejava consumir como também desafiou as leis divinas.

Já em grande parte da Europa, ainda para os autores, a mitologia associada ao uso de drogas e a figura feminina são expressas pela alquimia e pela bruxaria. O processo de regeneração do espírito passava pela junção do masculino e do feminino. As práticas de feitiçaria que rondavam a Europa ao longo do final da Idade Média e início do Renascimento que impulsionam a figura medieval da bruxa, inicialmente ligada às mulheres belas e que mais tarde tornaram-se representações de anciãs e mulheres sensuais. Nesse aspecto, as plantas, os frutos e as raízes tinham suas propriedades

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

exploradas pela medicina, incluindo a sedação e as alucinações causadas por determinadas substâncias. Por exemplo, a pele de sapo, rica no alucinógeno bufotenina, era ingrediente das poções das bruxas, sendo que sua absorção era cutânea ou por inserções diretamente na vagina, por isso a representação da bruxa com o cabo de vassoura. Aproximadamente um milhão de mulheres foram torturadas e mortas na caça às bruxas dos séculos XVI e XVII.

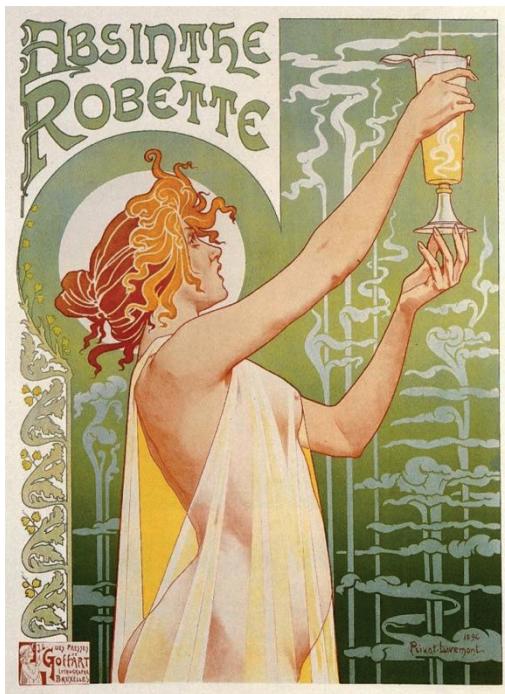
De acordo com Palmer e Horowitz (2000) motivos recreativos e medicinais explicam a predominância do consumo de ópio no ocidente ao longo do século XIX. Dentre os usuários, dois terços seriam mulheres. A facilidade de acesso somada à intensa veiculação de anúncios em jornais, revistas e mídia exterior, também justificam o consumo da droga.

Com a invenção da seringa hipodérmica a morfina poderia ser injetada, algo que aumentou os potenciais efeitos da substância e, conseqüentemente, favoreceu o vício. No período em questão, tornou-se comum presentear as senhoras da sociedade com agulhas hipodérmicas de ouro e prata, entregues em caixas de jóias. Enquanto isso, nas camadas populares o ópio era consumido junto de láudano (um tipo de substituto da cerveja). Inclusive, crianças pequenas eram acalmadas com tônicos à base de ópio, para que suas mães pudessem trabalhar nas fábricas.

A partir dos anos de 1880 e 1890, o vinho de coca e o absinto eram consumidos com frequência pela alta sociedade em bares e cafés. Vinhos de coca eram publicizados a partir de diversas personalidades, como o Papa Leão XIII e a Rainha Victória. A Fada dos Olhos Verdes simbolizou o consumo de absinto. Palmer e Horowitz (2000) atentaram para um cartaz produzido pelo artista belga Henri Privat-Livemont em 1896. Nele, é nítida a figura feminina, equivalente a uma fada ou deusa, que prepara a bebida.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Figura 1: Absinthe Robette



Fonte: Privat-Livemont (1896).

De acordo com Palmer e Horowitz (2000), culturalmente as mulheres foram ensinadas que condutas desviantes eram típicas de homens e, assim, impróprias para damas e donas do lar. Logo, como seres dóceis e passivos, a histeria surgiu como justificativa para as possíveis faltas cometidas pelas esposas, mães e filhas, podendo, inclusive, expressar suas insatisfações. As

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

históricas eram medicadas para depressão e ansiedade, algo que toma fôlego com o simbolismo das propagandas médicas. Os anúncios, geralmente, exploravam a figura feminina como donas de casa, esposas e pacientes que estavam descontentes com suas realidades. A solução apresentada: o caminho dos psicotrópicos.

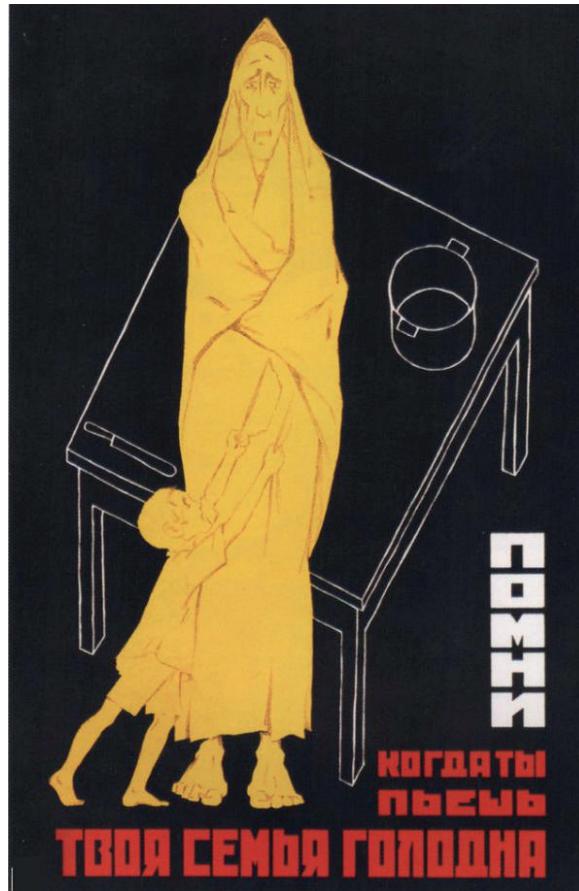
Nos estudos de Dejong e Wallack (2000) e Williams (2012), no Império Russo, antes mesmo da Revolução Russa e da ascensão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, apresentava problemas relacionados ao abuso de bebidas alcoólicas. Os czares, imperadores russos, reconheciam o impacto negativo do álcool mas pouco faziam para atenuar os males sociais causados pela droga. No século XIX a temperança russa conectou o alcoolismo à miséria, pobreza e ausência de cidadania, resultando em trabalhadores incultos.

No processo revolucionário, os bolcheviques escancararam as ligações entre os czares e as indústrias do álcool, a partir dos benefícios fiscais e da coleta de impostos. Portanto, ao governarem em outubro de 1917 os bolcheviques incluíram um programa de combate ao alcoolismo baseado na criminalização aos processos produtivos e comerciais das bebidas alcoólicas, como cervejas, vinhos e vodkas.

Já na União Soviética, no auge da década de 1980, políticas de governo visavam transferir o salário dos operários para suas esposas, com a intenção de que os gastos não fossem em bebidas, mas em alimentos. Índices do período apontavam que tais medidas aumentaram a nutrição infantil. O pôster soviético a seguir ilustra uma família, composta por uma mãe e seu filho, que padece de fome e abandono devido ao alcoolismo do chefe do lar. A legenda, em português, é: ‘Lembre-se; enquanto você bebe a sua família está com fome’.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Figura 2: Pôster soviético de combate ao alcoolismo



Fonte: Artista desconhecido (1930).

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Retornando ao início do século XX, Palmer e Horowitz (2000) estudam que em boa parte das nações ocidentais nascem as principais práticas de combate e repressão aos entorpecentes. Inicialmente, os movimentos de temperança formalizam uma série de restrições à venda de álcool e ao funcionamento de bares. A base desses movimentos estava diretamente ligada aos preceitos éticos e morais em vigor. O consumo excessivo de drogas era problematizado nos jornais, expondo os crimes cometidos por usuários a partir de uma ótica preconceituosa. O início da guerra às drogas permitiu que as legislações condenassem criminalmente os usuários, empurrando-os para a clandestinidade. Com isso, um mercado paralelo emerge e o tráfico de drogas passa a ganhar forma e força. Com o aumento do mercado consumidor de drogas ilícitas os traficantes tornam-se numerosos. Gerenciado por homens, as mulheres ocupavam-se de práticas de contrabando e tráfico. As chamadas “mulas”, transportadoras de drogas, passam a ganhar visibilidade na imprensa.

Para a antropóloga brasileira Alba Zaluar (1993) a presença de mulheres no crime organizado é complexa e plural, mesmo que a maior parte não seja considerada membros efetivos das quadrilhas de traficantes, já que possuem um papel secundário. Há marcas do sexismo e da violência contra a mulher nas práticas cotidianas dos grupos criminosos, principalmente pois muitas delas vinculam-se ao tráfico por causa de um relacionamento amoroso com outro criminoso ou como forma de sustentar seu próprio vício. Com isso, na maior parte das vezes, são as responsáveis por acobertar os namorados e maridos, escondendo drogas e armas, por exemplo. Além disso, a presença feminina em bocas de fumo ser interpretada “como possibilidade de estupro pelos rapazes” (ZALUAR, 1993, p.137). A autora enfatiza que muitas mulheres envolvidas nesse contexto são capazes de superar os papéis aos quais o tráfico as impõem.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Proctor (1996) alerta que os nazistas promoveram uma das primeiras iniciativas antitabagistas do mundo. Médicos alemães, no final dos anos de 1930, expuseram uma série de danos à saúde causados pelo tabagismo, principalmente sobre as condições viciantes da nicotina e o risco de adquirir câncer de pulmão com o tabagismo. A partir do clima político da Alemanha nazista, que enfatiza a higiene racial e pureza do corpo, o antitabagismo é impulsionado. Na visão dos apoiadores do regime, além do câncer de pulmão, o vício em tabaco era algo genético, causador da infertilidade e ameaçador da saúde coletiva. Além disso, entusiastas da medicina, como o professor de farmacologia da Universidade de Berlim Louis Lewin, declararam que fumar estimulava os órgãos reprodutores femininos, impossibilitando a gestação de bebês saudáveis. O tabagismo era uma importante renda para o tesouro nacional. Mas com o avanço da guerra o racionamento da droga foi necessário, com isso, principalmente mulheres ficaram proibidas de fumar.

O psicodelismo do período pós-guerra é marcado enquanto prática de evocação de arquétipos interiores despertou nas mulheres uma espécie de deusa interior. Mas, Palmer e Horowitz (2000) apontam que frente aos movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970 houve uma reação dos movimentos conservadores, principalmente representados pelas ascensões do presidente Ronald Reagan nos Estados Unidos e da primeira-ministra Margaret Thatcher no Reino Unido, a partir de 1980. Mesmo que o termo ‘guerra às drogas’ (war on drugs) tenha nascido na década anterior, é com a primeira-dama estadunidense Nancy Reagan que a cruzada anti-drogas adquire uma roupagem midiática.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Figura 3: Nancy Reagan e jovens reunidos em uma ação de prevenção



Fonte: Ronald Reagan Presidential Library (1988).

Estratégias de relações públicas tornaram Nancy Reagan um símbolo do enfrentamento ao uso de drogas na juventude. A partir da campanha Just Say No, Nancy Reagan marcava presença em eventos, escolas e em pronunciamentos do governo.

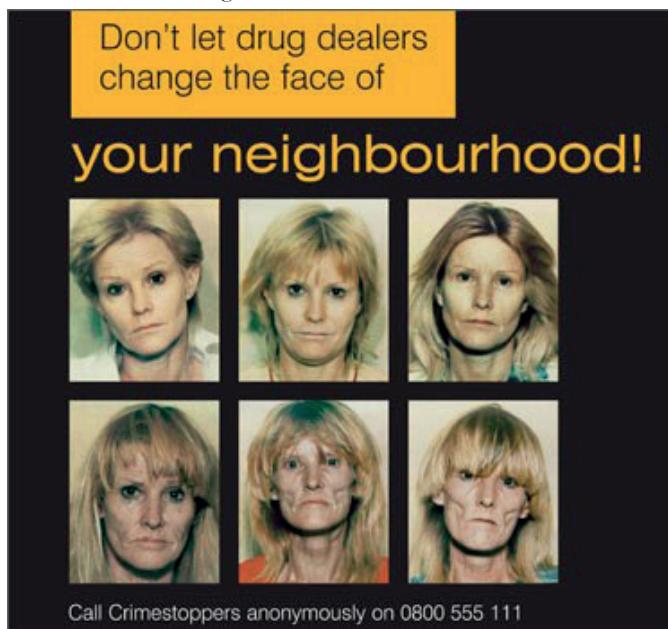
Ainda, Palmer e Horowitz (2000) recordam que é nesse período que o uso de crack ganha as ruas dos Estados Unidos, para logo passar a ser consumido em diferentes localidades do globo. Com isso, o discurso condenatório e estigmatizante ao comportamento feminino de consumo de drogas encontra fôlego. A imprensa veiculou diversas notícias sobre o uso de drogas por mulheres grávidas. Essas “más mães” eram consumidoras de crack, além de que, muitas delas eram portadoras

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

do HIV e transmitiam de forma vertical para seus filhos. O HIV era contraído principalmente pelo compartilhamento de seringas, além do sexo sem proteção.

A campanha britânica a seguir foi veiculada em diversos bairros de Londres no ano de 2004. Ela é protagonizada pela estadunidense Roseanne Holland, cujas fotos são derivadas de suas prisões ao longo de oito anos. O slogan, em português, é: “Não deixe os traficantes de drogas mudarem a cara do seu bairro”.

Figura 4: Roseanne Holland



Fonte: Polícia de Londres (2004).

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

O anúncio clama pela denúncia de traficantes de drogas ao expor a transformação da mulher em uma figura degradada. Para Huggins (2006) essa sequência de fotos aponta que o pior para uma mulher é perder sua jovialidade prematuramente, além de que seu dano corpóreo é equivalente a decadência da comunidade em que vive.

Ao passo que os anúncios que exploram a mulher enquanto usuária de drogas posicionam-na enquanto símbolo de degradação física e moral, a indústria cervejeira desenvolve uma série de estratégias mercadológicas voltadas ao erotismo como apelo ao público masculino. Nesses casos, “a mulher é a bebida, como se ambas possuíssem elementos de equivalência para tal” (MÄDER, 2003, p.75). Assim, a sensualidade e o prazer são vinculados a uma figura feminina que não precisa, necessariamente, zelar pelos afazeres domésticos, por exemplo. A publicidade nesses casos passa ao regime do onírico, conferindo ao produto cerveja um aspecto que ele não tem, principalmente pelo apelo visual de uma mulher famosa e seminua (a atriz Juliana Paes) que oferece a bebida ao consumidor e propõem-se a brindar com ele. O título do anúncio “um brinde às coisas boas do verão” já metaforiza que a mulher bonita e de biquíni é uma das coisas boas do verão, assim como a cerveja.



Figura 5: Campanha publicitária de cerveja
Fonte: Portfólio do site Lets Vamos (2012).

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Resgatando a problemática central das abordagens de Quintana (2020, 2021) sobre os espaços de inteligibilidade nos quais os corpos aparecem e desaparecem, em uma lógica consensual e temporal que os corrige, as práticas emancipatórias do cotidiano revelam-se anônimas ou coletivas, que nem sempre são visíveis nas instituições sociais. Com isso, para explorar um exemplo de cena dissensual, ou em outras palavras, uma experiência de visibilidade que se contrapõem aos aspectos tradicionais das representações femininas no consumo de drogas, apresenta-se um retrato feito por Adri Felden em 2016. A fotógrafa foi convidada a retratar algumas mulheres da região da cracolândia na cidade de São Paulo. Esse espaço é, na maior parte das vezes, retratado como um local sem esperanças, nos quais as ruas e as esquinas são repletas de usuários e usuárias de drogas.

A fotógrafa precisou aos poucos conquistar a confiança das usuárias, e, quando se deu conta, muitas mulheres estavam ao seu redor, trazendo brincos e maquiagens. Felden ainda voltou para a cracolândia com o intuito de entregar as fotos que fez de 21 mulheres. A partir disso, pode-se considerar que o trabalho de estímulo à autoestima serviu para evidenciar que essas pessoas não podem ser reduzidas às substâncias que consomem.



Figura 6: Retrato de usuária de drogas da cracolândia
Fonte: Adri Felden (2016).

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

A imagem explicita o que Quintana (2020, 2021) entende a partir da noção experimental da política. Nesse caminho ocorrem formas de emancipação coletivas e individuais, nas quais o corpo é capaz de produzir e relacionar-se. As práticas emancipatórias ligam-se diretamente com a desmontagem das cenas hegemônicas e hierárquicas, em prol de um método da igualdade. Isso provoca uma interrupção das explicações usuais, por exemplo, o adestramento que a mídia promove sobre as percepções e interpretações dos fatos sociais. Entretanto, esses dissensos não precisam, e muitas vezes não conseguem, atingir um nível macroscópico. O interessante da cena como enlace de fios, fluxos, elementos, corpos e objetos valoriza as manifestações dos microsentimentos e das microsensações, principalmente quando eles são materializados em experiências estéticas.

5. Reflexões e apontamentos finais a partir da montagem proposta

A dimensão estética das representações é pensada por Quintana (2020, 2021) a partir dos deslocamentos, fraturas e torções do corpo que envolvem o dissenso, principalmente frente aos típicos modos já codificados de exibição e produção de imagens. Assim, em uma representação informativa, como as campanhas de prevenção às drogas, por exemplo, o fenômeno é apresentado ao público de determinada forma, a fim de produzir um efeito esperado sobre os sujeitos. Logo, de antemão, já há maneiras aceitáveis e inaceitáveis de exibir os fatos. Inexiste a possibilidade dos corpos restaurarem as suas dores por intermédio de testemunhos expressivos, para revelar como os acontecimentos os afetam.

Para Laura Quintana (2022), Walter Benjamin (1983) desromantizou a ideia de ruínas entendendo-as como estrutura decomposta capaz de expor as fragilidades do capitalismo e a violência que resulta dele. Portanto, na ruína o foco não é o resto, mas os processos que os geram, os efeitos que instituem nos corpos. O capitalismo e suas formas de desapropriação organizam a

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

vida afetiva entre os corpos. O ideal neoliberal de autorrealização e de independência propicia o controle e apropriação, sendo que para resistir ao cenário dessas disposições é preciso estabelecer relações entre os corpos, os territórios e os materiais.

A cena é significativa pela complexidade em conceber a sobrevivência em meio à ruína. Sobreviver é um desejo capaz de explicitar relações e de mobilizar resistências fundamentadas em afetos afirmativos, sem permitir que o sujeito seja arrastado pelo progresso. Para Quintana (2021), no caso do ressentimento, a cicatriz deixada nos corpos instaura-se como lembrança da dor e impulso para o agir a partir da dor e sem escondê-la. Permanecem de forma persistente, para lembrar que “o presente é tecido de múltiplos passados” (DIDI-HUBERMAN, 2009, p.48). De tal modo, Quintana (2020) defende um pensamento horizontal para desestabilizar as fronteiras e as delimitações forjadas pelo conhecimento científico e pelos atores sociais. Essa concepção parece aproximar-se do que Didi-Huberman (2015) defende como o olhar debruçado sobre as imagens. Com relação a imagem dialética, sua existência depende da atuação crítica da memória, em uma atividade de escavação arqueológica, “confrontada a tudo o que resta como ao indício de tudo o que foi perdido” (DIDI-HUBERMAN, 1999, p. 174). O trabalho estético desloca-se para destacar como os corpos foram afetados, empregando de recursos visuais, sonoros e espaciais.

Ao longo do texto, foi possível entender a publicidade enquanto instrumento que mantém a ordem simbólica ao mesmo tempo que produz uma violência simbólica ao despertar a atenção para fatos que interessam a todos, seja para a conscientização, como nos anúncios de prevenção ou para o consumo, como nos anúncios mercadológicos.

Nesse sentido, resgatou-se a perspectiva histórica defendida por Benjamin, para quem a história não é evolucionista, ou seja, a de progresso e acúmulo de conquistas, mas, “ele a percebe ‘de baixo’, do lado dos vencidos, como uma série de vitórias de classes reinantes” (LOWY, 2005, p.60). Logo,

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

uma postura benjaminiana da história interessa-se pelas lutas e mortes entre opressores e oprimidos, indo além das análises marxistas sobre as contradições entre forças, relações de produção e formas de propriedades e o Estado. Na perspectiva histórica traçada ao longo deste texto, notou-se que a presença feminina nas imagens sobre drogas decorre do mito do criacionismo, do arquétipo da deusa na Antiguidade, que é oposta à bruxa da Idade Média. Mas é com a Revolução Industrial e o surgimento das mazelas sociais que a postura moralista destaca-se ao considerar que a mulher deveria cumprir com a vigilância de seu esposo, pai e filho e, portanto, não deveria ter contato com drogas. Dependência e passividade seriam as condições fundamentais de uma mulher. Com a ascensão do neoliberalismo na década de 1980 a guerra às drogas alcança proporções bélicas e adquire um aparato estatal de encarceramento em massa de usuários e traficantes de drogas, cenário vivenciado por milhares de mulheres, principalmente em países pobres.

Não basta expor os danos causados pelas drogas no corpo feminino, atendo-se para as condenações morais e estigmatizantes que empurram as usuárias para um espaço de invisibilidade. Isso, pois há armadilhas nessa responsabilização individual, movida pelo cuidado de si (FOUCAULT, 2010), já que o próprio capitalismo impulsiona uma série de valores ao consumo, ao exagero e ao hedonismo. Trad (2005) percebe isso nas relações de produção dos anúncios de conscientização em agências de publicidade: ao passo que nas campanhas de prevenção inúmeros aspectos são negligenciados, seja por falta de vontade ou de recursos, nas campanhas para o consumo há um sólido planejamento e verba disponível.

Em várias das práticas proibicionistas expostas a indústria das drogas lícitas, como medicamentos, álcool e tabaco, adquire poder nos governos e faz com que as iniciativas de conscientização não sejam proeminentes. Muitas vezes, as legislações são alteradas para conciliar os interesses dessas indústrias, como a suspensão da produção e venda de álcool na antiga União Soviética, algo que durou pouco tempo, principalmente pelos retornos financeiros advindos de tributos para o governo.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

Com a montagem proposta pelas imagens deste artigo, pode-se localizar três amplas categorias temáticas que revestem o corpo feminino nos anúncios: a mulher sedutora, a mulher cuidadora e a mulher sofredora. Isso se baseia tanto na construção persuasiva nos elementos, formas e nos aspectos sócio-históricos.

A mulher sedutora, aquela que oportuniza o consumo de drogas, como a Fada Verde que prepara o absinto ou a bela moça de biquíni que oferece o copo de cerveja ao consumidor. Essa mulher está envolta em uma representação de malícia, pois assim como Eva consumiu do fruto proibido e condenou a humanidade ao pecado, a mulher que seduz para o consumo de drogas condena os homens a usufruírem das substâncias como se estivessem conquistando as próprias mulheres, a partir da lógica de que o corpo feminino é metaforizado, convertido, na própria substância.

Já a mulher cuidadora é a que regula e mantém a sobriedade dos esposos, filhos e pais. Condicionada às estruturas patriarcais e dotada de uma autoridade moral, ela não pode demonstrar simpatia com o consumo de drogas. É exemplo disso a primeira-dama dos Estados Unidos, Nancy Reagan e o assistencialismo que emana de sua figura.

Por último, a mulher sofredora é aquela que já usou ou ainda usa drogas, além das mães, filhas e esposas que sofrem com as dependências químicas de seus filhos, pais e esposos. Quando são consumidoras, a sua ‘opção’ pela droga torna-a impura e degradada (moralmente e fisicamente). A maior parte das representações que incidem sobre as protagonistas femininas em campanhas de prevenção às drogas encontram-se nesse estágio. Não há muitas oportunidades para oferecer ajuda ou propiciar a reinserção social dessas pessoas, como apontado pela análise da campanha protagonizada por Roseanne Holland. Nesse grupo ainda encontram-se as mulheres que não usam drogas, mas que sofrem com as consequências sociais da dependência química, como as filhas e

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

mulheres de usuários que negligenciam seus próprios lares e conduzem sua família ao padecimento. Isso é exposto no pôster soviético analisado.

Assim, o aspecto social que consiste nas relações de violência e contradições expostas nesse campo de visibilidades da publicidade não é evocado, apenas o sujeito errante é penalizado e condenado a uma intervenção policial, na lógica ranceriana. Logo, pode-se aventar que a cena dissensual emerge desse cenário paradoxal.

No campo publicitário, como apontou Wottrich (2019) impera um sistema de juízo, percepções, apreciações e ações que envolvem cada publicitário enquanto fruto de suas experiências passadas constitui uma espécie de habitus de classe, ao unificar suas condutas, atuando em prol da manutenção do sistema. Com isso, seria possível produzir e prolongar cenas dissensuais ao campo publicitário? Na lógica ranceriana, a constituição de normas e estatutos atende a uma ordem policial, entretanto, algumas práticas de contestação e de reapropriação das imagens publicitárias podem auxiliar a um processo dissensual. Todavia, a pluralidade e a diversidade devem refletir nos contextos de produção e de contestação da publicidade, enquanto elementos valiosos para a partilha do sensível.

Referências

ANDREWS, Marc.; VAN LEEUWEN, Matthijs; VAN BAAREN, Rick. **Persuasão na publicidade**: 33 técnicas psicológicas de convencer. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Os pensadores**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1985.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

- DEJONG, William; WALLACK, Lawrence. The drug czar's anti-drug media campaign: Continuing concerns. **Journal of health communication**, v. 5, n. 1, p. 77-82, 2000. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/108107300126777>. Acesso em 8 Ago. 22.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que nos vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pensar debruçado**. Lisboa: KKYM, 2015a.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do Tempo**: História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015b.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- FITZGERALD, John. Images of the desire for drugs. **Health Sociology Review**, v. 19, n. 2, p. 205-217, 2010.
- FLAY, B. R.; SOBEL, J. L. The role of mass media in preventing adolescent substance abuse. **NIDA research monograph**, v. 47, p. 5-35, 1983.
- FOUCAULT, Michel **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HUGGINS, Richard. The Addict's Body: Embodiment, Drug Use and Representation. In: WASKUL, Dennis; VANNINI, Phillip. **Body/Embodiment**: Symbolic Interaction and the Sociology of the Body. Burlington: Ashgate, 2006.
- LOWV, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio - Uma leitura das teses "Sob o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

- MÄDER, Maria Paula Mansur. **Metamorfoses figurativas**: imagens femininas na publicidade de cerveja. Orientadora: Kati Caetano, 2003. Dissertação (Mestrado) - Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/10508198/Metamorfoses_Figurativas_imagens_femininas_na_publicidade_de_cerveja. Acesso em 30 Ago. 22.
- MOURA, Dione Oliveira. Comunicação em saúde: apenas remediar ou participar e prevenir? In: MENDONÇA, Valéria et al.(Org.). **Comunicação da informação em saúde**: aspectos de qualidade. Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID/UnB), 2008. p. 123-131.
- PALMER, Cynthia; HOROWITZ, Michael (org.). **Sisters of the extreme**: women writing on the drug experience. Rochester: Park Street Press, 2000.
- PROCTOR, Robert N. The anti-tobacco campaign of the Nazis: a little known aspect of public health in Germany, 1933–45. **BMJ**, v. 313, n. 7070, p. 1450-1453, 1996. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/313/7070/1450?maxto>. Acesso em 8 Ago. 22.
- QUINTANA, Laura. **Política de los cuerpos**: emancipaciones desde y más allá Jacques Rancière. Herder Editorial: Madrid, 2020.
- QUINTANA, Laura. **Rabia**: afectos, violencia, inmunidad. Herder Editorial: Madrid, 2021.
- QUINTANA, Laura. Alternatives in the Midst of Ruination: Capitalism, Heterogeneity, Fractures. **Critical Times**, v. 5, n. 1, p. 50-75, 2022. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/critical-times/article/5/1/50/313360/Alternatives-in-the-Midst-of-RuinationCapitalism>. Acesso em 5 Jul. 22.

Entre o prazer e o sofrimento: imagens do corpo feminino em campanhas de prevenção às drogas

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**: arquivos do sonho operário. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Aisthesis**: Scenes from the aesthetic regime of art. Londres: Verso Books, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O trabalho das imagens**. Conversações com Andrea Soto Calderón. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.

TRAD, S. Mídia e drogas: confrontando texto e contexto da publicidade comercial e de prevenção. In: **Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo**. EDUFBA, 2004.

WILLIAMS, Christopher. “Let’s Smash It!” Mobilizing the Masses against the Demon Drink in Soviet-Era Health Posters. **Visual Resources**, v. 28, n. 4, p. 355-375, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01973762.2012.732206>. Acesso em 8 Ago. 22.

ZALUAR, Alba. Mulher de bandido: Crônica de uma cidade menos musical. **Estudos Feministas**, v. 1, n. 1, p. 135, 1993. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v01n01/v01n01a08.pdf>. Acesso em 8 Ago 22.